



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Artes e Letras

# **Busca de Sentido(s)? Na era das competências**

**Versão definitiva após defesa pública**

**Catarina Raquel Gonçalves Fernandes**

Relatório de Estágio  
para obtenção do Grau de Mestre em  
**Ensino de Filosofia no Ensino  
Secundário**  
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor André Barata Nascimento  
Co-Orientador: Prof. Doutor José Maria Silva Rosa

**Covilhã, dezembro de 2018**

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

Busca de Sentido(s)? Na era das competências

## Dedicatória

Pelo amor ao *Trivium*...

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

## Agradecimentos

Agradeço o esforço, a simpatia, o trabalho, o apoio e o amor que recebi ao longo da minha vida. À Prof.<sup>a</sup> Ana Paula Domingues e ao Prof.<sup>o</sup> Doutor José António Domingues apresento os meus mais sinceros agradecimentos pela vossa dedicação, sinceridade e rigor científico. Ao Prof.<sup>o</sup> Doutor André Barata e ao Prof.<sup>o</sup> Doutor José Rosa agradeço as prudentes indicações para a elaboração deste relatório. Agradeço também a todo o corpo docente que me acompanhou durante anos. Penso que não existem palavras suficientes para agradecer os contributos e as evidências que me proporcionaram. Por fim, agradeço a virtude que vos caracteriza, pois só sou isto devido a isso.

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

## Resumo

Este relatório tem o intuito de tratar de um problema no âmbito do ensino-aprendizagem da interpretação de texto filosófico. Um problema escolhido na sequência das principais observações e aprendizagens que fui recolhendo ao longo da minha formação na Prática de Ensino Supervisionada, como também, das deliberações que surgiram durante a construção deste relatório. Através de pesquisas e reflexões bibliográficas é minha intenção consolidar o problema das competências específicas da disciplina de Filosofia no ensino-aprendizagem da interpretação de texto filosófico. Este problema didático surge no enredo da questão: como posso ensinar Filosofia de forma clara, eficaz e consciente?

## Palavras-chave

PES; ensino-aprendizagem; interpretação; texto filosófico; competências.



## Abstract

This report it is projected to address a problem on the scope of philosophical text interpretation. A choice that arises from the deliberations during the construction of this report as well as from my observations and my training along the Supervised Teaching Practice in the master's degree. Through research and bibliographical reflections, it is my intention to consolidate the problem of the specific competences on the philosophical text interpretation learning at philosophy classes. This didactic problem appears from the question: how can I teach Philosophy in a clear, effective and conscious way?

## Keywords

STP; learning (teaching); interpretation; philosophical text; competences.

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

# Índice

Introdução	1
Capítulo 1 - O ensino-aprendizagem da interpretação de texto na disciplina de Filosofia	7
1.1 Quais os motivos destas escolhas?	13
1.1.1 O porquê da interpretação de texto	13
1.1.2 Competências específicas da disciplina de Filosofia?	15
1.2 Busca de sentido(s)?	16
Capítulo 2 - Plano didático	17
Considerações finais	33
Bibliografia	35
Anexo I - Aula assistida sobre John Stuart-Mill	37
Anexo II - Aula assistida sobre John Rawls	41
Anexo III - Aula assistida no Estabelecimento Prisional de Castelo Branco	45

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

## Lista de Figuras

Figura 1 - Competências-chave e subjacentes competências transversais.

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

## Lista de Tabelas

Tabela 1 - Primeira aula do ano letivo de 10.º ano.

Tabela 2 - Capítulo I - Ponto 1 - Abordagem introdutória à Filosofia e ao filosofar.

Tabela 3 - Capítulo II - Ponto 1 - A Ação Humana - Análise e compreensão do agir.

Tabela 4 - Ponto 2 - Os valores - Análise e compreensão da experiência valorativa.

Tabela 5 - Ponto 3 - Dimensões da ação humana e dos valores.

Tabela 6 - Ponto 3.3. A dimensão religiosa - Análise e compreensão da experiência religiosa.

Tabela 7 - Ponto 4 - Temas/Problemas do mundo contemporâneo.

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

## Lista de Acrónimos

PES                      Prática de Ensino Supervisionada



## Introdução

Durante a Prática de Ensino Supervisionada (PES), em 2016/2017, a minha principal missão foi compreender o processo educativo na disciplina de Filosofia. A minha intenção era identificar os moldes de ensino na disciplina e reconstruí-los à minha medida. Neste sentido, na minha atuação solidifiquei conhecimentos, recolhi elementos fundamentais à prática de ensino e explorei didáticas. Debati-me com dificuldades, encontrei soluções e pus em prática aquilo que o meu entendimento alcançou até então. Planifiquei aulas e partilhei os meus conhecimentos na expectativa de conduzir os alunos aos resultados positivos, no entanto, por vezes apercebi-me que havia dificuldades e desinteresse na resolução das minhas propostas. Todavia, houve momentos em que foi recompensador todo o esforço e trabalho dedicado às planificações. Foi uma experiência reveladora da minha potencialidade como professora e das potencialidades de aprendizagem na disciplina de Filosofia.

O principal objetivo deste relatório é a constituição de um problema no âmbito do ensino-aprendizagem da interpretação de texto. Comparativamente às outras didáticas utilizadas nas aulas assistidas, a interpretação de texto foi aquela que mais dados me deu quanto ao nível de compreensão e consciência dos alunos. Ao aperceber-me das dificuldades de alguns alunos na realização de algumas atividades decidi avançar com a temática das competências específicas da disciplina para refletir e explorar soluções a essas dificuldades. Este problema didático tem múltiplas causas. O problema das competências específicas da disciplina de Filosofia é um problema que se verifica no decorrer dos anos letivos, que faz parte do ensino-aprendizagem na disciplina e que se reflete na avaliação, isto é, nas dificuldades e nas qualidades das aprendizagens dos alunos. Portanto, a minha intenção é dar relevância e problematizar as competências específicas da disciplina no ensino-aprendizagem da interpretação de texto. Sendo assim, será essencial analisar o conceito competência, questionar o seu alcance e as suas particularidades no ensino-aprendizagem da disciplina, como também, referir a indispensabilidade da interpretação de texto no seu ensino-aprendizagem e na disciplina de Filosofia.

A esta tabela de trabalhos a que me proponho acresce o desenvolvimento de um plano didático meramente indicativo, pois, na verdade, os planos didáticos dependem do tempo, do lugar e do contexto em que são aplicados.

A pertinência de um estudo/análise ao uso da interpretação de texto no ensino-aprendizagem das competências específicas da disciplina de Filosofia está na importância que a aprendizagem destas competências tem no desenvolvimento pessoal dos alunos e na relevância que o texto (a interpretação de texto) tem no ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia. Não excluindo a importância de outras didáticas fundamentais à disciplina de Filosofia entendo que a interpretação de texto foi aquela que me permitiu fundar um rumo fiável ao longo da PES.

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

Tomando uma posição pessoal sobre o ensino-aprendizagem da disciplina, a minha intenção é argumentar em prol da aprendizagem das competências específicas da disciplina de Filosofia a partir da interpretação de texto. Contudo, esta decisão é obviamente discutível. Esta é a minha aperceção do ensino-aprendizagem da disciplina.

Creio que a aprendizagem da disciplina é mediada pela linguagem e sobretudo pelos argumentos escritos, portanto, a interpretação de texto foi o modelo escolhido para aqui ser tratado. Estas componentes que quero aqui analisar são soluções sustentáveis às adversidades que foram aparecendo ao longo do meu percurso na PES. O impacto destas componentes é maioritariamente visível na avaliação sumativa, no entanto, a sua aprendizagem prática é a meta preferencial, pois, a aprendizagem das competências específicas da disciplina a partir da interpretação de texto enquadrar-se-á em outras componentes interpretáveis seja na vida do dia-a-dia ou em contextos profissionais.

No ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia há uma forte convicção na defesa de uma cidadania ativa como forma de indicar o papel que cada um de nós pode ter na vida pública e privada. Esta postura cívica é condição imperativa na educação de cidadãos e sociedades livres e conscientes. O ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia procura assim incrementar pensamentos, projetos, formas de vivência, consciência, responsabilidade e autonomia. Não tem a intenção de debitar verdades ou formas de vivência, pelo contrário, procura dar liberdade de escolha aos alunos, intenta a autoaprendizagem e a aprendizagem contínua, busca dar sentido e significado à potencialidade das convicções pessoais e interpessoais. A disciplina de Filosofia também não se enclausura em si, promove outros saberes não só porque são essenciais à sua aprendizagem, mas porque defende a pluralidade das aprendizagens. A multiplicidade de temas e de recursos da disciplina de Filosofia é a forma de expressão de um tempo que procura a coesão e o entendimento entre as diferentes partes de atuação no mundo laboral. A particularidade e a indispensabilidade de cada uma dessas áreas indica que a disciplina de Filosofia tem o árduo trabalho de conduzir através do mesmo modelo de ensino a diferentes modos (futuros) de atuação. Deste modo, surgiu a ideia de questionar através de um jogo de linguagem a busca de sentido(s). A intencionalidade deste jogo de linguagem é dar conta de múltiplos aspetos através de uma única questão. Com esta questão procuro:

- a) identificar e relatar o meu percurso ao longo da PES;
- b) desenvolver uma ideia quanto à forma de fazer surgir um ensino-aprendizagem autónomo, eficiente, mútuo e ao mesmo tempo diferenciado na disciplina de Filosofia;
- c) tornar presente as particularidades e dificuldades de cada aluno;
- d) perspetivar a vida em comunidade;

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

O domínio educativo é complexo. Durante séculos foi restrito às classes sociais mais altas, no entanto, no cenário educativo atual afirma-se e reafirma-se a diversidade cultural e social dentro e fora das escolas, sustenta-se um ensino direcionado para a cidadania, para o conhecimento ao alcance de todos, para a aprendizagem contínua envolta em valores de solidariedade, interajuda e aceitação. Um ensino direcionado para a cooperação social independentemente das crenças de cada um. Centrado no aluno, onde o aluno é o “autor principal” da sua aprendizagem e o professor um mediador de conhecimentos quotidianos e curriculares. Contudo, o perfil do professor é o de auxiliar, cuidar e encaminhar os alunos para a ação autónoma e consciente em contextos educativos e/ou profissionais. A prática de ensino tem o propósito de colocar o bem comum acima de qualquer outro bem, por isso, é uma prática nobre e imprescindível às sociedades contemporâneas. O seu propósito é o sustento deliberado da cultura, da política e dos mercados de trabalho. É uma prática que tem como principal finalidade o ensino-aprendizagem de conteúdos através de objetivos e que tem o intuito de fundar e conduzir a aprendizagem através de um senso equitativo.

Das minhas observações, deliberações, análises e escolhas ao longo da PES surgiram os seguintes princípios e ideias:

- a) A disciplina de Filosofia é multifacetada. Designa-se como a área que engloba o maior enigma de todos: “conhece-te”.
- b) O ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia é profundamente pedagógico e heurístico. Propenso à busca de conhecimentos e de autoconhecimento.
- c) A atuação do professor deve ser consciente e responsável. Este deve promover e preservar a missão e os valores da escola ou agrupamento onde se insere, como também, promover um ensino inclusivo.
- d) A gestão do currículo da disciplina e a planificação de aulas são imprescindíveis.
- e) Tendo em consideração as diversas componentes envoltas na disciplina de Filosofia (históricas, ético-políticas, epistemológicas, culturais, etc.), a aula de Filosofia também é uma contextualização de diversos tempos e conteúdos.
- f) A iniciação à disciplina de Filosofia é um ponto de mudança na educação do adolescente<sup>1</sup>. O que tem maior importância já não é uma aprendizagem acrítica

---

<sup>1</sup> Por adolescência entende-se a etapa da vida onde se verifica as mudanças mais significativas ao nível físico e ao nível psicológico. É nesta etapa da vida que procuramos um sentido próprio, a nossa identidade, uma forma de nos destacar e diferenciar. No entanto, também surgem graves problemas, como por exemplo as faltas de autoconfiança (autoestima), de autonomia e de consciência perante situações de perigo eminente.

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

baseada apenas em factos, mas, chamá-los à atenção para a importância de valores, atitudes e comportamentos no desenvolvimento pessoal e interpessoal saudável e autónomo. Encaminhá-los através de conteúdos, métodos e instrumentos ao entendimento de si e da vida em comunidade. Portanto, o ensino-aprendizagem na disciplina de Filosofia é-lhes indispensável na apropriação de um espírito crítico, único, consciente, responsável, autónomo e até mesmo inovador.

- g) A avaliação das aprendizagens dos alunos é crucial na aperceção das suas dificuldades e aptidões.

Na PES a dimensão da avaliação esteve bastante presente. A sua aprendizagem foi imperativa, pois, a avaliação é uma regulação essencial à prática de ensino. Por um lado, visa a qualidade das aprendizagens dos alunos e regula a atuação do professor quanto aos métodos e aos instrumentos, por outro, quantifica o produto das aprendizagens dos alunos. Contudo, a sua aplicação é complexa, subjetiva e não se condiciona à aprendizagem de conteúdos programáticos. Na avaliação não é só a performance cognitiva do aluno que está em observação, há outros fatores que a influenciam, como por exemplo: o modo de estar na sala de aula, o respeito pelos colegas, etc...

A componente de avaliação também está presente em outras vertentes da escola. Antes do início do ano letivo 2016/2017 tive a oportunidade de presenciar algumas reuniões realizadas na Escola Secundária Nuno Álvares em Castelo Branco, instituição escolar onde decorreu a PES. Essas reuniões começaram por traçar o perfil da escola (agrupamento) e progressivamente o da dimensão da avaliação. Através dessas reuniões também fui apercebendo-me da complexidade do domínio educativo e da prática do ensino. Contudo, a minha prioridade não foi avaliar os alunos. Entre planificações de aula com instrumentos de avaliação, relatórios de análise a atividades e a aprendizagem das várias componentes da avaliação, o meu trabalho desenvolveu-se em torno da criação de fichas de trabalho individual<sup>2</sup>. A pertinência do uso deste recurso foi a de contextualizar conteúdos e de concentrar informações e conhecimentos num único espaço, pensando no futuro uso daqueles recursos. Com as fichas de trabalho individual ou de leitura a minha intenção foi a de fazer surgir uma maior interação na sala de aula e um guião didático-pedagógico no qual os alunos poderiam ter um auxílio à aprendizagem de conteúdos programáticos e ao seu estudo. A intenção é a mesma com o ensino-aprendizagem de competências específicas da disciplina de Filosofia através da interpretação de texto, ou seja, com o ensino-aprendizagem de competências a intenção é dar ferramentas aos alunos para as utilizarem no futuro nos mais diversos contextos. A interpretação de texto é apenas um meio viável para as ensinar. Uma didática que inclui outras didáticas. Neste sentido, quis ser o mais abrangente possível neste relatório ao apresentar um problema didático que surge da

---

<sup>2</sup> Anexos I, II e III.

## **Busca de Sentido(s)? Na era das competências**

interpretação de texto. Um problema com o qual me identifico como pessoa e ente ético-moral, político, estético, etc.. Um problema que pairou sobre o meu pensamento durante a PES, que me levou a tomar decisões importantíssimas no desenvolvimento das especificidades da disciplina e que resultou neste relatório. Porém, confesso que este problema não tem a magnitude de diversos problemas filosóficos (existência, liberdade, etc.) mas penso que neste contexto ele aplica-se e encontra um lugar basilar na busca de uma aprendizagem da disciplina e na busca de uma prática de ensino. Deste modo, nas próximas páginas busco o sentido da minha experiência ao longo da PES, da prática de ensino e do ensino-aprendizagem de competências através da interpretação de texto na disciplina de Filosofia. Concentro nessas páginas as pesquisas, as deliberações e as escolhas que efetuei ao longo do percurso da PES.

**Busca de Sentido(s)? Na era das competências**

# Capítulo 1 - O ensino-aprendizagem da interpretação de texto na disciplina de Filosofia

A disciplina de Filosofia é multifacetada e encontra em si o seu método. O seu construto é bilateral e o seu principal objetivo é desvendar a verdade. A Filosofia é «ela própria uma pedagogia e uma didáctica» (Vicente, 1994, pg. 397)<sup>3</sup>. É neste binómio que a disciplina de Filosofia se transforma e se aplica nas salas de aula do Ensino Secundário. Por um lado, é uma pedagogia porque viabiliza a autonomia na sua aprendizagem, por outro, é uma didática porque tem métodos próprios de ensino-aprendizagem. Neste sentido, a disciplina de Filosofia contém uma identidade própria no que consta ao seu ensino-aprendizagem.

O ensino-aprendizagem na disciplina de Filosofia é configurado em grande parte pelas suas estratégias e estas pelo público-alvo em que são aplicadas. Durante a PES fui apercebendo-me de algumas dificuldades dos alunos nesta disciplina. Uns tinham dificuldades em aceitar/respeitar a “autoridade” do professor, outros tinham dificuldade em relacionar-se com os colegas, uns apresentavam dificuldades na escrita, outros na leitura e outros em ambas. Uns distraíam os colegas, outros distraíam-se com facilidade, uns tinham falta de autoestima, outros não tinham qualquer interesse em estar dentro da sala de aula, etc.. Em suma, apercebi-me que havia algumas dificuldades ao nível das competências básicas de aprendizagem cognitiva e outras ao nível das atitudes e dos comportamentos. Problemas que interferiam com a aprendizagem (o ensino-aprendizagem) das competências específicas da disciplina de Filosofia, ou seja, com a aprendizagem de algumas vertentes do seu método (concretização; problematização; argumentação) e com a ordem democrática e colaborativa pretendida na sala de aula. Portanto, neste sentido, decidi utilizar a interpretação de texto como principal método (estratégia) para colmatar algumas dessas dificuldades (problemas) e para encaminhar progressivamente os alunos no uso das competências específicas da disciplina de Filosofia.

A partir de um texto é possível trabalhar individualmente ou conjuntamente as competências específicas, portanto, pensei que seria pertinente o seu uso nas aulas assistidas. Com a interpretação de texto não surge uma nova conceção de aprender Filosofia, mas erguer-se uma via de objetividade no seu ensino que conjuga a autonomia (profissional) do professor<sup>4</sup>, uma gestão atenta do currículo<sup>5</sup> e um ensino-aprendizagem centrado no aluno. Assumindo,

---

<sup>3</sup> Disponível em <http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/indice...> acedido em 14 de junho de 2017.

<sup>4</sup> Quanto às escolhas de recursos, instrumentos de avaliação e estratégias para cada conteúdo (currículo oculto).

<sup>5</sup> No que consta aos conteúdos e aos objetivos de ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia.

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

assim, uma atuação voltada para o futuro, para a futura aplicação de conhecimentos filosóficos por parte dos alunos no âmbito social (pessoal e profissional). Todavia, a complexidade do conceito competência pode pôr em causa o significado que aqui quero fazer transparecer.

A investigação em torno do conceito competência é vasta. Nas últimas décadas o interesse por este âmbito e pelo seu uso aumentou exponencialmente na medida em que o paradigma educacional sofreu delimitações devido às mudanças sociais que foram sucedendo. Com o acentuar das relações internacionais e das tecnologias surgem novas exigências no domínio laboral. Exige-se cada vez mais uma atuação polivalente e qualitativa. Olha-se mais ao sentido mercantil das áreas do conhecimento do que ao seu sentido moral e educacional. No entanto, estas exigências e pareceres indicam que as sociedades procuram o bem-estar interno e externo. Neste sentido, ensinar e aprender competências não só é imprescindível às sociedades atuais, como também, coloca o horizonte educativo numa estrutura cada vez mais qualitativa, coesa e funcional. Alguns investigadores defendem que o conceito competência:

- a) surgiu nos anos 70, na linguagem empresarial, para caracterizar a realização de uma tarefa concreta de forma eficiente, todavia, difundiu-se rapidamente por outras áreas laborais (Zabala & Arnau, 2010, pg. 19);
- b) é um modo de discurso que evidencia, vem evidenciar, as deliberações e escolhas sobre o cariz profissional a seguir (Sacristán, 2008, pg. 16);
- c) consiste na intervenção eficaz nos diversos âmbitos da vida mediante ações em que se interrelacionam atitudes, procedimentos e componentes conceituais (Zabala & Arnau, 2010, pg. 31);
- d) é um construto interno contínuo através de relações intrapessoais e interpessoais (Allessandrini, 2002, pg. 166);
- e) promove a sensibilidade para os mais diversos problemas que poderão surgir no mercado de trabalho (OECD, 2012, pg. 42)<sup>6</sup>;
- f) é um conjunto de relações entre diversos conceitos, como por exemplo: disciplina, motivação e personalidade (Machado, 2002, pg. 141);
- g) é identificável independentemente da disciplina e dos seus conteúdos ou do seu método de ensino (Rodríguez, 2008, pg. 123);

---

<sup>6</sup> Disponível em [https://read.oecd-ilibrary.org/education/skills-for-social-progress\\_9789264249837-pt#page1](https://read.oecd-ilibrary.org/education/skills-for-social-progress_9789264249837-pt#page1) acedido em 18 de fevereiro de 2017.

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

- h) é um conceito pouco concreto e complexo (Sacristán, 2008, pg. 9);
- i) designa modelos mentais de interpretação racional da realidade que usamos profissionalmente e/ou quotidianamente (Gómez, 2008, pg. 81);
- j) refere-se à compreensão e reação adequada a uma determinada situação com a finalidade de solucioná-la da melhor forma possível (Allessandrini, 2002, pg. 165);
- k) é um conjunto de predicados universais que inclui modos de pensar, formas de trabalhar, ferramentas de trabalho e habilidades tanto sociais como pessoais (European Schoolnet, 2014, pg. 6)<sup>7</sup>:

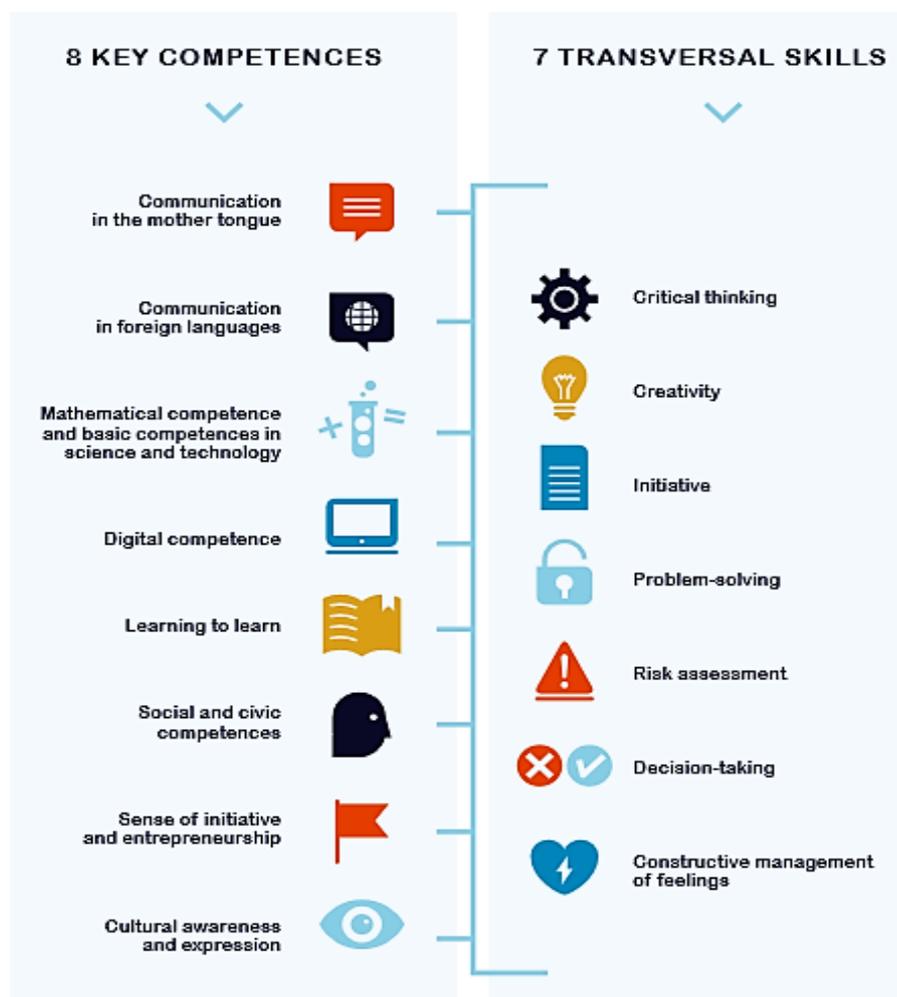


Figura 1<sup>8</sup> - Competências-chave e subjacentes competências transversais.

<sup>7</sup> Disponível em [http://keyconet.eun.org/c/document\\_library/get\\_file?uuid=2ba7847f-b335-4aa6-9d57-bad7c441aedd&groupId=11028](http://keyconet.eun.org/c/document_library/get_file?uuid=2ba7847f-b335-4aa6-9d57-bad7c441aedd&groupId=11028) acessado em 20 de maio de 2017.

<sup>8</sup> Ibidem.

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

Como podemos observar o conceito competência é multiforme, complexo e referente maioritariamente à ação técnica. Estas referências elucidam o seu uso em diversos aspetos e sucintamente o concetualizam de forma a compreendermos que ele é multidisciplinar e transversal a múltiplos cenários. Um conjunto de meta-aprendizagens que sublinham a importância da autonomia pessoal em contextos privados ou públicos. Em contrapartida, nem todas as competências são observáveis e/ou avaliáveis por ações concretas. Algumas só podem ser deliberadas através de processos de aprendizagem que procuram dar-lhes voz ativa ou efetividade. Neste caso em específico, a observação dessas competências também surge no ensino-aprendizagem da interpretação de texto<sup>9</sup>. A interpretação é «o acto essencial do pensamento humano» (Palmer, 1989, pg. 20). Por um lado, vincula-se ao binómio questão-resposta (Gadamer, 1991), por outro, pode acomodar todo o tipo de obra (Palmer, 1989, pg. 22). Porém, esta revisão literária ocupar-se-á apenas do texto filosófico<sup>10</sup>, pois o texto «representa um valor que a cultura vai preservar em definitivo a sua consistência, universalidade e intencionalidade que caracterizam o “mundo” próprio da filosofia» (Oliveira, 2010, pg. 15)<sup>11</sup>. A interpretação do texto filosófico procura desconstruir e descortinar o sentido do e no texto. Tem a função de «tornar algo que é pouco familiar, distante e obscuro em algo real, próximo e inteligível» (Palmer, 1989, pg. 25). Tem a finalidade de sustentar uma aprendizagem de conteúdos de forma a que também haja uma contextualização e uma compreensão prática dos mesmos. O seu uso polivalente, aplicado às mais diversas áreas do conhecimento, procura reconhecer o valor da linguagem<sup>12</sup> na aprendizagem.

A interpretação do texto filosófico abre, assim, os horizontes da aprendizagem na disciplina de Filosofia no que consta às suas competências específicas<sup>13</sup>, no entanto, estas

---

<sup>9</sup> Uma didática de cariz hermenêutico, imprescindível perante a ideia de busca de conhecimento e de autoconhecimento. O termo “hermenêutica” surge inicialmente na Grécia antiga, associado à poesia de Homero e ao Mito de Hermes (o mediador entre os deuses e os homens, o mensageiro, interprete e tradutor da palavra divina). A sua génese encontra-se no verbo *Hermeneuein* que é usualmente traduzido por: interpretar. No entanto, pode significar: dizer, explicar e traduzir. «A hermenêutica é o sistema pelo qual o significado mais fundo é revelado, para além do conteúdo manifesto» (Palmer, 1989, pg. 24; 53).

<sup>10</sup> Por texto filosófico entende-se: o discurso argumentativo escrito. «O texto filosófico apresenta sempre uma intencionalidade, um plano de ação a seguir inserido num contexto sólido, realizando a ligação entre as partes e o todo» (Oliveira, 2010, pg. 18, disponível em <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/1285> acedido em 5 de junho de 2017). O texto é «portador de valores ou ideais, que são o núcleo da *cultura animi*, de que vive o homem, enquanto distinto do animal. Transmite um sentido essencial ao sentido do existir do mundo» (Portocarrero, 1996, pg. 101, disponível em [www.lusosofia.net/textos/20120205-decimo\\_primeiro\\_econtro\\_filosofia\\_texto\\_filosofico.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/20120205-decimo_primeiro_econtro_filosofia_texto_filosofico.pdf) acedido em 12 de setembro de 2017).

<sup>11</sup> Disponível em <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/1285> acedido em 5 de junho de 2017.

<sup>12</sup> A linguagem, o meio relacional que mudou e moldou o mundo, continua ainda hoje a encaminhar-nos na expectativa colaborativa de compreensão. É a partir da linguagem que surge a busca de sentido(s). O sentido é «uma construção social, um empreendimento coletivo mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas, na dinâmica das relações pessoais, historicamente datadas e culturalmente localizadas, constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta» (Spink, 2010, pg. 23, disponível em <http://books.scielo.org/id/w9q43> e acedido em 11 de julho de 2017).

<sup>13</sup> Concetualizar, problematizar e argumentar são conceitos metodológicos ou instrumentais que se (aprendem) ensinam na disciplina de Filosofia para fazer surgir a atividade filosófica, ou seja, para fazer

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

competências não são apenas do foro cognitivo. Elas compreendem também competências socio-emocionais que sustentam outros componentes da vida quotidiana, como por exemplo: as relações interpessoais, a criatividade, a iniciativa, etc.. Estas aprendizagens apresentam-se como um auxílio ao esclarecimento das particularidades e eventualidades da vida de cada um. Por um lado, as competências cognitivas formam a técnica filosófica, por outro, surge o complemento das competências socio-emocionais que solidificam as matrizes valorativas da nossa sociedade. Penso que é deste modo que o ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia se desenvolve.

Encontramos evidências no currículo da disciplina de Filosofia que o seu ensino-aprendizagem «assenta fundamentalmente na análise e interpretação de textos e outros documentos» (Henriques & al., 2001, pg. 16)<sup>14</sup>, como também, não dispensa 3 princípios<sup>15</sup> de atuação:

- a) o princípio da progressividade das aprendizagens;
- b) o princípio da diferenciação das estratégias;
- c) o princípio da diversidade dos recursos;

No ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia o prioritário é constituir a possibilidade de pensar os seus conteúdos (temas e temáticas) numa perspetiva de aprendizagem, todavia, indo além dos conteúdos, procurando fortalecer culturalmente o indivíduo (o aluno). São estes requisitos que fazem da disciplina de Filosofia um “must” da organização dos currículos atuais e que a tornam irrepetível, coesa e singular.

Em termos filosóficos, a cultura é a substância essencial ao desenvolvimento (crescimento ou amadurecimento) pessoal. Tal como o termo indica, a cultura condensa as ideias de domínio e de autodomínio. Vejamos a seguinte citação da obra *A República*:

«(...) É como se uma pessoa, que tenha de criar um animal grande e forte, aprendesse a conhecer as suas fúrias e desejos, por onde deve aproximar-se dele e por onde tocá-lo, e quando é mais intratável ou mais meigo, e porquê, e cada um dos sons que costuma emitir a propósito de cada coisa, e com que vozes dos outros se amansa ou irrita, e, depois de ter adquirido todos estes conhecimentos com a convivência e com o tempo, lhes chamasse ciência e

---

surgir o filosofar. Estas competências específicas possibilitam um olhar mais profundo que o habitual sobre temas intemporais e essenciais ao desenvolvimento de cada cidadão e da cidadania.

<sup>14</sup> Disponível em

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/filosofia\\_10\\_11.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/filosofia_10_11.pdf)  
acedido em 20 de setembro de 2015.

<sup>15</sup> Ibidem.

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

os compendiasse, para fazer deles objeto de ensino, quando na verdade nada sabe do que, destas doutrinas e desejos, é belo ou feio, bom ou mau, justo ou injusto, e emprega todos estes termos de acordo com as opiniões do grande animal, chamando bom àquilo que ele aprecia, mau ao que ele detesta, mas sem ter qualquer outra razão para tanto, antes designando por justo e belo o inevitável, porquanto nunca viu qual é a diferença essencial entre a natureza da necessidade e a do bem, nem é capaz de apontar a outrem...» (Platão, *A República*, 493a, 493b e 493c)

Esta citação aparece na sequência da oposição das duas principais formas de ensino praticadas na antiga Grécia, no entanto, escolhi esta citação para reforçar as ideias de domínio e de autodomínio. Ideias que, no meu entender, suportam as características mais importantes da convivência humana, isto é, que sustentam a cidadania, a democracia e a evidência de uma Filosofia viva. Não sendo um processo rápido, é um processo eficaz que conduz à consciência (positiva) dos atos praticados nos âmbitos público e privado. Neste contexto, os termos domínio e autodomínio significam:

- a) direito de propriedade e conhecimento (domínio);
- b) autonomia e participação responsável (autodomínio);

Estes termos contêm em si uma visão do existir em conjunto. É esta máxima que figurativamente serve de introdução ao presente currículo da disciplina de Filosofia. Uma máxima que desenvolve e fortalece a relação entre o indivíduo e a comunidade onde este se insere. Este é o “verdadeiro” propósito do ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia: «aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser» (Henriques & al., 2001, pg. 3)<sup>16</sup> conjuntamente. Aprender e ensinar. Porém, este propósito indica apenas o início do trajeto, não indica como desenvolvê-lo. É precisamente aqui que se encontra o desafio do ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia.

Em última análise, não podemos pensar a disciplina de Filosofia sem aliar o terreno da aprendizagem com a do ensino. Sem recorrer às suas especificidades e princípios. Sem pensar que a didática e a pedagogia não se opõem. Sem polarizar o tema da busca de sentido(s) e a temática ou o subtema das competências específicas da disciplina. Porém, qual é o intuito do título deste relatório? Que utilidade tem este tema para o ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia? Quais foram as minhas finalidades ao traçar este projeto? Como desenvolver o ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia a partir destas hipóteses?

---

<sup>16</sup> Disponível em [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/filosofia\\_10\\_11.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/filosofia_10_11.pdf) acedido em 20 de setembro de 2015.

## 1.1 Quais os motivos destas escolhas?

As observações e as pesquisas que intentei à disciplina, aos seus conteúdos e ao seu currículo fixaram os parâmetros deste relatório. Por um lado, a hermenêutica formulou regularmente e ocultamente o binómio questão-resposta acerca das características, dimensões e instrumentos da disciplina, por outro lado, as competências evidenciaram o trabalho a desenvolver ao longo de um ano letivo. A conveniência deste estudo encontra-se na compreensão do método antes da sua aplicação. O entendimento menos abstrato acerca da hermenêutica e das competências proporcionará a sua aplicação mais concreta. Uma futura avaliação mais justa e equitativa.

Ao longo do relatório recorri à concetualização de competência(s) e a uma ténue desmitificação do seu ensino-aprendizagem. Fui apresentando algumas das características da interpretação de texto e intitulei algumas das causas que me levaram a escolher este tema. No entanto, ainda falta explorar mais profundamente as razões pelas quais escolhi uma didática hermenêutica do conjunto das didáticas filosóficas para apresentar um problema didático referente à PES, como também, as razões pelas quais identifiquei um conjunto de competências como específicas da disciplina de Filosofia.

### 1.1.1 O porquê a interpretação de texto

Os princípios reguladores do ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia e o complexo hermenêutico revelam que não há possibilidade de concentrar o ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia a uma única didática, no entanto, quando pensei no rumo que iria levar neste relatório, questionei-me qual seria a didática que possibilitaria a identificação de um problema fundamentalmente importante e pertinente no ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia. Apesar de ter pensado em inúmeras possibilidades escolhi a didática hermenêutica (interpretação de texto) porque se direcionava para o maior problema que encontrei durante a PES, isto é, a interpretação. Apercebi-me que as discrepâncias existentes na avaliação consistem maioritariamente na aceção dada pelos alunos aos conteúdos e aos enunciados propostos, por isso, a minha intuição foi a de preparar os alunos para o entendimento dos conteúdos através da interpretação, pois, é mais eficaz ensinar para o entendimento dos conteúdos do que os explicar genericamente na expectativa da sua memorização.

Como já referi, a pertinência do uso da interpretação do texto nas aulas da disciplina de Filosofia está no uso das suas potencialidades no âmbito privado e no âmbito público, isto é, o ensino-aprendizagem da interpretação de texto também tem como finalidade a interpretação de outros acontecimentos que não os educativos. Contudo, a escolha de viabilizar

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

a interpretação de texto como didática preferencial no ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia dá-se pela valoração desta didática como móbil de outras didáticas. Com a interpretação de texto viabilizamos o questionamento, o comentário, o debate, o diálogo e a leitura, como também, a análise e a escrita. Porém, como proceder ao ensino-aprendizagem da interpretação de texto?

O procedimento da interpretação de texto no ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia assume a particularidade de se apresentar não só como uma leitura do texto, mas como uma procura e compreensão da sua mensagem. Por convenção, penso que o ensino-aprendizagem da interpretação de texto desenvolve-se através de 4 etapas<sup>17</sup>:

1. Leitura do texto - seja em voz alta ou em voz off, esta é a etapa mais importante desta estratégia. A leitura irá permitir ao aluno aperceber-se do conteúdo do texto. As regras fundamentais da leitura estão interligadas diretamente ao ethos e ao logos do leitor, nomeadamente, pela compreensão da língua em que o texto está escrito e pela articulação vocal do mesmo. Esta característica torna-se ainda mais importante quando a leitura é feita para um público, portanto a leitura está interligada também ao pathos. Este triângulo comunicativo da retórica suporta a interpretação de texto clara e objetiva.
2. Sínteses dos parágrafos do texto - à medida que vamos lendo o texto, o prioritário é fazer sínteses dos seus parágrafos para que nos seja possível recolher a informação mais importante do texto e separá-la daquela que é secundária, como também, para desenvolver progressivamente uma compreensão das ideias, da mensagem e do tema do texto. A compreensão de texto deve ser clara e objetiva porque esta enriquece a interpretação do leitor ou do indivíduo e do público quanto a um tema. Enriquece também, em certa medida, a interpretação da vida quotidiana, no sentido, de possibilitar a crítica ao tema do texto, às suas ideias fundamentais e ao autor do mesmo.
3. Questionar as evidências - após a leitura e a síntese é fundamental questionar aquilo que sintetizámos para podermos obter a mensagem do texto, no entanto, ao longo da leitura e da síntese é também pertinente colocar questões acerca daquilo que não sabemos ou não compreendemos.
4. Apresentação da mensagem do texto.

---

<sup>17</sup> Adaptação a partir de *O Ensino da Leitura: A Compreensão de textos*. Lisboa: Ministério da Educação (Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular), 2007. Disponível em [http://area.dge.mec.pt/gramatica/ensino\\_leitura\\_compreensao\\_textos.pdf](http://area.dge.mec.pt/gramatica/ensino_leitura_compreensao_textos.pdf) acedido em 18 de fevereiro de 2017.

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

Penso que estas são as etapas fundamentais na interpretação de texto, independentemente da sua tipologia e do seu género. A proposta do uso da interpretação de texto filosófico nas aulas de Filosofia não dispensa o uso de outras didáticas, pois, é-lhe indispensável o questionamento<sup>18</sup>. Neste sentido, a proposta da interpretação de texto serviu apenas para dar um rosto ao ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia.

### 1.1.2 Competências específicas da disciplina de Filosofia?

Por competência específica entende-se todas aquelas competências que fazem parte do método de ensino-aprendizagem de uma disciplina. Quando propus a existência de competências específicas da disciplina de Filosofia estava a pensar nos seus conceitos metodológicos, pois, identificam a constituição teórico-prática da disciplina e indicam a sua produção técnica. Contudo, paralelamente a estas competências, penso que, há competências socio-emocionais que podem ser consideradas como específicas da disciplina de Filosofia, isto é, o pensamento crítico, o autoconhecimento, a responsabilidade, a autonomia e a consciência são competências socio-emocionais que podem ser consideradas competências específicas da disciplina de Filosofia, pois, são inerentes à disciplina.

Atualmente, no domínio curricular, surge o termo “aprendizagens essenciais” para identificar conjuntos de aprendizagens, competências e conhecimentos que devem ser desenvolvidos em cada disciplina. Não substituindo o currículo da disciplina, o documento Aprendizagens Essenciais<sup>19</sup> da Direção Geral da Educação é um referencial que apresenta e aconselha algumas orientações ao processo de desenvolvimento do currículo. Sendo assim, estas “aprendizagens essenciais” concentram áreas de avaliação a cuidar e a preservar pelas disciplinas do Ensino Secundário durante os anos letivos.

A disciplina de Filosofia sustenta a ideia de encaminhar o aluno a pensar por si, no entanto, para pensar é essencial outras competências aprendidas noutras disciplinas. Saber ler e saber escrever são as duas competências mais básicas para iniciar uma aprendizagem da disciplina de Filosofia. Se o aluno souber ler, entender o que lê e souber expor as suas ideias já se encontra num caminho de aprendizagem filosófica, pois, aprender Filosofia significa fundamentalmente aprender a comunicar. Comunicar é uma arte que surge desde os mais longínquos antepassados do *homo sapiens sapiens*. Desde o mero som à constatação da linguagem (*LOGOS*) num sentido linguístico e fenomenológico, a comunicação é possivelmente

---

<sup>18</sup> Símbolo da pedagogia clássica, a interrogação é o modo mais imediato de conhecer. Dos exemplos mais mediatizados, os diálogos platónicos são aqueles que têm a heurística como ponto de partida do conhecimento.

<sup>19</sup> Disponível em <http://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-secundario> acedido em 30 de agosto de 2018.

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

o elo mais forte da humanidade. Comunicar é importante, ainda mais nos nossos dias em que vivemos em sociedades totalmente mediatizadas e tecnológicas, comunicar tornou-se uma ferramenta fundamental, essencial em qualquer âmbito laboral.

### 1.2 Busca de sentido(s)?

No horizonte de pensamento de Gadamer esta questão foi colocada perspetivando a sua resposta. Buscar sentido(s) pode ter múltiplos significados. O termo “sentido” não tem aqui uma significação imediata. Relembremos que o sentido é «uma construção social, um empreendimento coletivo mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas, na dinâmica das relações pessoais, historicamente datadas e culturalmente localizadas, constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta» (Spink, 2010, pg. 23) <sup>20</sup>. Sentido também exprime as ideias de raciocínio, significado, percurso e sentimento.

A escolha do título deste relatório dá-se a partir destas deliberações, como também, da evidência das particularidades de cada aluno, da quantidade de interpretações possíveis sobre um tema e da ideia que o ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia é uma busca de conhecimento e de autoconhecimento.

Deste modo, a minha intenção não era equivocar o leitor, com a tentativa de avivar a discussão sobre o modo como aprendemos, mas quis expressar que a busca de conhecimento e de autoconhecimento na disciplina de Filosofia é uma busca de sentido(s). Esta é a minha aperceção do seu ensino-aprendizagem.

---

<sup>20</sup> Disponível em <http://books.scielo.org/id/w9q43> e acedido em 11 de julho de 2017.

## Capítulo 2 - Plano didático

Este plano didático surge de um longo processo de interpretação do currículo de Filosofia e das suas potencialidades de ensino perante as minhas aprendizagens. Na sua elaboração, as aprendizagens que foi recolhendo ao longo do PES foram fundamentais, nomeadamente, na formulação dos objetivos e na indicação dos instrumentos de avaliação. Os restantes elementos foram desenvolvidos conforme: o currículo da disciplina, os manuais aplicados na disciplina no ano letivo 2016/2017, as didáticas filosóficas e a pesquisa efetuada para este relatório. Todos estes elementos foram desenhados de forma a preservar as aprendizagens e as meta-aprendizagens do currículo da disciplina.

Dos instrumentos de avaliação apresentados para cada conteúdo acrescem os seguintes:

- a) Respeito pelos colegas e pelo professor;
- b) Escuta e colaboração ativa;
- c) Recolha e organização de informação;

Pensando no rumo do ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia ao longo de um ano letivo e na sua complexidade, decidi compor este plano didático de forma a que delineasse sinteticamente as características de ensino-aprendizagem, por isso, este plano didático é meramente indicativo dos propósitos que fundamentariam a minha atuação nas aulas de Filosofia do 10.º ano.

## Disciplina de Filosofia - 10.º ano

Tabela 1 - Primeira aula do ano letivo.

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER	RECURSOS	ESTRATÉGIAS A UTILIZAR	INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	TEMPOS
* Indica as suas potencialidades ao nível da oralidade e da escrita;	*Apresentações e diagnóstico de aprendizagens.	* Discursivas: oral e escrita;	* Ficha diagnóstico;	* Diálogo;	* Observação; * Intervenção oral e escrita;	1 aula de 90 minutos

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

I - Módulo inicial: INICIAÇÃO À ACTIVIDADE FILOSÓFICA

Tabela 2 - Ponto 1 - Abordagem introdutória à Filosofia e ao filosofar

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER	RECURSOS	ESTRATÉGIAS A UTILIZAR	INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	TEMPOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>* Define sinteticamente o conceito Filosofia;</li> <li>* Enumera as diversas épocas históricas da disciplina;</li> <li>* Apreende os elementos fundamentais da disciplina;</li> <li>* Caracteriza sucintamente a disciplina;</li> <li>* Reconhece a especificidade e o valor da disciplina;</li> </ul>	<p>1.1. O que é a Filosofia? - uma resposta inicial</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Aprender a aprender;</li> <li>* Iniciativa;</li> <li>* Discursivas: participação oral e leitura;</li> <li>* Reflexivas: concetualização;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Manual da disciplina;</li> <li>* Textos filosóficos;</li> <li>* PowerPoint;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Diálogo;</li> <li>* Debate de ideias;</li> <li>* Leitura de texto;</li> <li>* Questionamento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Intervenção e exposição oral;</li> <li>* Leitura;</li> </ul>	<p>2 aulas de 90 minutos</p>

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

<ul style="list-style-type: none"> <li>* Identifica os principais padrões de problemas da disciplina;</li> <li>* Enumera algumas questões da disciplina (3-5 questões);</li> <li>* Escreve um comentário a uma das questões da disciplina;</li> </ul>	<p>1.2. Quais são as questões da Filosofia?</p> <p>- alguns exemplos</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Aprender a aprender;</li> <li>* Iniciativa;</li> <li>* Discursivas: leitura e escrita;</li> <li>* Reflexivas: concetualização e problematização;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Textos filosóficos;</li> <li>* Manuais da disciplina;</li> <li>* PowerPoint;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Diálogo;</li> <li>* Leitura e comentário de texto;</li> <li>* Debate de ideias;</li> <li>* Questionamento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Intervenção e exposição oral (leitura e participação);</li> <li>* Produção escrita: comentário de texto;</li> </ul>	<p>2 aulas de 90 minutos</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>* Apreende os significados de discurso, argumento, contra-argumento e tese;</li> <li>* Enumera os elementos e as propriedades da argumentação;</li> <li>* Identifica proposições e premissas;</li> </ul>	<p>1.3. A dimensão discursiva do trabalho filosófico</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Aprender a aprender;</li> <li>* Iniciativa;</li> <li>* Organização e criatividade;</li> <li>* Discursivas (leitura e escrita);</li> <li>* Reflexivas (concetualização);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Manual da disciplina;</li> <li>* PowerPoint;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Diálogo;</li> <li>* Leitura e comentário de texto;</li> <li>* Debate de ideias/ discussão filosófica;</li> <li>* Questionamento</li> <li>* Portefólio</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Intervenção e exposição oral;</li> </ul>	<p>2 aulas de 90 minutos</p>

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

### II - A AÇÃO HUMANA E OS VALORES

Tabela 3 - Ponto 1 - A Ação Humana - Análise e compreensão do agir

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER	RECURSOS	ESTRATÉGIAS A UTILIZAR	INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	TEMPOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>* Explica o conceito ação humana;</li> <li>* Define ato e agente;</li> <li>* Diferencia entre aquilo que fazemos e aquilo que nos acontece;</li> <li>* Apreende a complexidade do agir: distingue o carácter voluntário e involuntário dos atos; define deliberação e decisão;</li> </ul>	1.1. A rede conceptual da ação.	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Reflexivas: concetualização (aproximação linguística, predicativa, extensiva e metafórica);</li> <li>* Leitura e análise de texto;</li> <li>* Problematização: questionamento filosófico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Manuais da disciplina;</li> <li>* Ficha de leitura - textos filosóficos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Diálogo;</li> <li>* Brainstorming;</li> <li>* Concetualização;</li> <li>* Interpretação de texto;</li> <li>* Discussão filosófica;</li> <li>* Questionamento;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>*Intervenção e exposição oral;</li> <li>* Produção escrita - ficha de leitura;</li> </ul>	3 aulas de 90 minutos



## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

Tabela 4 - Ponto 2 - Os valores - Análise e compreensão da experiência valorativa

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER	RECURSOS	ESTRATÉGIAS A UTILIZAR	INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	TEMPOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>* Define valor e facto;</li> <li>* Distingue juízos de valor e juízos de facto;</li> <li>* Enumera e define os critérios valorativos: subjetivismo moral, objetivismo moral e relativismo cultural;</li> </ul>	2.1. Valores e valoração - A questão dos critérios valorativos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Aprender a aprender;</li> <li>* Iniciativa;</li> <li>* Criatividade;</li> <li>* Discursivas: argumentação;</li> <li>* Reflexivas: interpretação de texto, concetualização e problematização;</li> <li>* Organização;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Textos;</li> <li>* Manual da disciplina;</li> <li>* Ficha de leitura;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Diálogo;</li> <li>* Questionamento;</li> <li>* Leitura e análise de texto;</li> <li>* Discussão filosófica;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Intervenção oral;</li> <li>* Comentário de texto;</li> </ul>	2 aulas de 90 minutos
<ul style="list-style-type: none"> <li>* Define cultura;</li> <li>* Relaciona valores e cultura: diferencia direitos morais de direitos legais,</li> </ul>	2.2. Valores e cultura - a diversidade e o diálogo de culturas.	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Aprender a aprender;</li> <li>* Iniciativa;</li> <li>* Criatividade;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Manual da disciplina;</li> <li>* PowerPoint;</li> <li>* Ficha de leitura;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Diálogo;</li> <li>* Questionamento;</li> <li>* Interpretação de texto: leitura e comentário;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Intervenção oral;</li> <li>* Composição filosófica: texto de carácter argumentativo;</li> </ul>	2 aulas de 90 minutos

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

reconhece o valor do diálogo entre culturas; * Contextualiza a problemática da tolerância na rede conceptual da ação: define e exemplifica tolerância;		* Discursivas: argumentação; * Reflexivas: interpretação de texto, concetualização e problematização; * Organização;		* Discussão filosófica: brainstorming;		
---	--	--	--	--	--	--

Tabela 5 - Ponto 3 - Dimensões da ação humana e dos valores

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER	RECURSOS	ESTRATÉGIAS A UTILIZAR	INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	TEMPOS
* Distingue intenção e norma; * Explica os conceitos: ética, moral;	3.1.1. Intenção ética e norma moral.	* Discursivas: argumentação; * Reflexivas: concetualização e problematização; * Aprender a aprender;	* Textos * Manual da disciplina * PowerPoint * Ficha de leitura	* Diálogo; * Questionamento * Leitura e análise de texto; * Discussão filosófica	* Intervenção oral;	2 aula de 90 minutos

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

		<ul style="list-style-type: none"> <li>* Iniciativa;</li> <li>* Criatividade;</li> <li>* Leitura e escrita;</li> <li>* Organização;</li> </ul>				
<ul style="list-style-type: none"> <li>* Examina a problemática da moralidade;</li> <li>* Diferencia pessoal e social;</li> <li>* Esclarece o conflito entre ética e interesse pessoal: distingue egoísmo normativo de egoísmo psicológico;</li> </ul>	3.1.2. A dimensão pessoal e social da ética - o si mesmo, o outro e as instituições.	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Discursivas: argumentação;</li> <li>* Reflexivas: interpretação de texto, concetualização e problematização;</li> <li>* Aprender a aprender;</li> <li>* Iniciativa;</li> <li>* Criatividade;</li> <li>* Organização;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Textos;</li> <li>* Manual da disciplina;</li> <li>* PowerPoint;</li> <li>* Ficha de leitura;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Diálogo;</li> <li>* Questionamento;</li> <li>* Leitura e análise de texto;</li> <li>* Discussão filosófica;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Intervenção e exposição oral;</li> <li>* Produção escrita;</li> </ul>	2 aulas de 90 minutos
<ul style="list-style-type: none"> <li>* <u>Immanuel Kant</u>: identifica a finalidade da ética kantiana: define deontológico e dever;</li> </ul>	3.1.3. A necessidade de fundamentação da moral - análise comparativa de duas	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Aprender a aprender;</li> <li>* Iniciativa;</li> <li>* Criatividade;</li> <li>* Discursivas: argumentação;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Manual da disciplina;</li> <li>* PowerPoint;</li> <li>* Ficha de leitura;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Diálogo;</li> <li>* Questionamento;</li> <li>* Interpretação de texto: leitura e análise;</li> <li>* Discussão filosófica;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Intervenção oral;</li> <li>* Trabalho individual de pesquisa: produção escrita;</li> </ul>	4 aulas de 90 minutos

**Busca de Sentido(s)? Na era das competências**

<p>explica ações por dever, ações conforme ao dever e contrárias ao dever; distingue imperativo categórico de imperativo hipotético; define boa-vontade;</p> <p>* <u>John Stuart-Mill</u>: identifica e conceitualiza os elementos da ética utilitarista de John Stuart-Mill (hedonismo, consequencialismo, felicidade, princípio da maior felicidade, princípio da dignidade, princípio da imparcialidade); distingue prazeres superiores e prazeres inferiores;</p>	<p>perspetivas filosóficas.</p>	<p>* Reflexivas: interpretação de texto, conceitualização e problematização; * Leitura e escrita; * Organização;</p>				
---	---------------------------------	--	--	--	--	--

Busca de Sentido(s)? Na era das competências

<p>* Identifica o papel da ética no direito e na política;</p> <p>* Examina a problemática da justificação do estado;</p> <p><u>*Aristóteles:</u> define e justifica a concepção naturalista do estado (concretiza bem supremo, supremo bem, cidade-estado, autopreservação, auto-suficiência e vida boa);</p> <p><u>*John Locke:</u> define e analisa a concepção contratualista de estado, discute a</p>	<p>3.1.4. Ética, direito e política - liberdade e justiça social; igualdade e diferenças; justiça e equidade.</p>	<p>* Discursivas: argumentação;</p> <p>* Reflexivas: interpretação de texto, concretização e problematização;</p>	<p>* Manual da disciplina;</p> <p>* PowerPoint;</p> <p>* Ficha de leitura;</p>	<p>* Diálogo;</p> <p>* Questionamento;</p> <p>* Interpretação de texto: leitura e comentário;</p> <p>* Discussão filosófica;</p> <p>* Relatório;</p>	<p>* Intervenção e exposição oral;</p> <p>* Produção escrita: comentário de textos (argumentação crítica);</p>	<p>5 aulas de 90 minutos</p>

Busca de Sentido(s)? Na era das competências

<p>problemática do contratualismo;</p> <p><u>*John Rawls:</u> problematiza a temática da justiça social, descreve a teoria da justiça social do autor (posição original; véu da ignorância; princípio da liberdade igual; princípio da igualdade de oportunidades; princípio da diferença), analisa e enumera os contra-argumentos à teoria do autor;</p>					<p>* Teste de avaliação</p>	<p>3 aulas de 90 minutos (revisão-teste-correção)</p>
---	--	--	--	--	-----------------------------	---

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

Tabela 6 - 3.3. A dimensão religiosa - Análise e compreensão da experiência religiosa.

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER	RECURSOS	ESTRATÉGIAS A UTILIZAR	INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	TEMPOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>* Identifica os principais grupos religiosos;</li> <li>* Define sentido;</li> <li>* Discute a problemática do sentido da existência: o propósito religioso e o propósito não religioso;</li> </ul>	3.3.1. A Religião e o sentido da existência - a experiência da finitude e a abertura à transcendência.	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Discursivas: argumentação;</li> <li>* Reflexivas: concetualização e problematização;</li> <li>* Aprender a aprender;</li> <li>* Iniciativa;</li> <li>* Criatividade;</li> <li>* Leitura e escrita;</li> <li>* Organização;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Manual da disciplina;</li> <li>* PowerPoint;</li> <li>* Ficha de leitura (textos e atividades);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Diálogo;</li> <li>* Questionamento</li> <li>* Brainstorming</li> <li>* Leitura e análise de texto;</li> <li>* Discussão filosófica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Intervenção e exposição oral;</li> </ul>	3 aulas de 90 minutos
<ul style="list-style-type: none"> <li>* Diferencia a dimensão pessoal e a dimensão social da religião;</li> <li>* Concetualiza crença;</li> </ul>	3.3.2. As dimensões pessoal e social das religiões.	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Discursivas: argumentação;</li> <li>* Reflexivas: interpretação de texto,</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Textos</li> <li>* Manual da disciplina</li> <li>* PowerPoint</li> <li>* Ficha de leitura</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Diálogo;</li> <li>* Questionamento</li> <li>* Leitura e análise de texto;</li> <li>* Discussão filosófica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Intervenção e exposição oral;</li> </ul>	2 aulas de 90 minutos



## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

Tabela 7 - Ponto 4 - Temas/Problemas do mundo contemporâneo Opção por UM tema/problema.

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER	RECURSOS	ESTRATÉGIAS A UTILIZAR	INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	TEMPOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>* Define e exemplifica voluntariado;</li> <li>* Interpreta as novas dinâmicas de voluntariado na sociedade contemporânea (em Portugal e mundialmente) - subsídios, doação de roupa e alimentos, farmácia social, etc.;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* O voluntariado e as novas dinâmicas da sociedade civil;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Aprender a aprender;</li> <li>* Iniciativa;</li> <li>* Criatividade;</li> <li>* Discursivas: argumentação;</li> <li>* Reflexivas: interpretação de texto, concetualização e problematização;</li> <li>* Organização;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Brainstorm;</li> <li>* Textos: ficha de leitura;</li> <li>* PowerPoint;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Diálogo;</li> <li>* Questionamento</li> <li>* Leitura e análise de texto;</li> <li>* Discussão filosófica;</li> <li>* Atividades de voluntariado - recolha ou doação de alimentos e roupa, etc.;</li> <li>* Ensaio filosófico;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Intervenção e exposição oral (participação e apresentação de trabalhos);</li> <li>* Produção escrita:</li> <li>* Questionamento (levantamento de dúvidas);</li> </ul>	<p>3 aulas de 90 minutos (enquadramento de um tema + apresentação de trabalhos escritos)</p>

**Busca de Sentido(s)? Na era das competências**

## Considerações finais

Neste relatório, o meu foco esteve voltado para os efeitos da aprendizagem e para as dificuldades que observei ao longo da PES. A minha intenção era dar conta do meu percurso durante a PES de 2016/2017, como também, explorar um conjunto de ideias quanto ao ensino-aprendizagem de competências a partir da interpretação do texto filosófico.

Este estudo não procurava mostrar, encontrar ou indicar um modelo de atuação por excelência, mas, procurava mostrar que há uma forte inclinação no ser humano em procurar pelo sentido, pois, buscamos compreender e interpretar aquilo que somos e o que nos rodeia. Por isso, decidi seguir esta via para expressar a minha aperceção do ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia e da prática de ensino.

O ensino-aprendizagem da interpretação de texto é imprescindível nas aulas de Filosofia não só pelo cariz cultural que o texto tem e pelas possibilidades que abre no que consta ao uso de outras didáticas, mas também, pelas suas características que transpõem o campo do texto. A conjugação do ensino-aprendizagem das competências específicas da disciplina de Filosofia e a interpretação de texto foi a configuração que encontrei para gerir o currículo de forma consciente e para ensinar Filosofia de forma clara e eficaz.

Competências e didática são duas faces da mesma moeda e permitem a busca de sentido(s) procurando formar culturalmente os indivíduos (alunos) dando-lhes ferramentas que permitem o trabalho filosófico.

Os princípios reguladores do ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia demarcaram as características fundamentais ao desenvolvimento deste relatório e os conceitos chave decifraram a complexidade da disciplina e do seu ensino-aprendizagem. As bibliografias tornaram as dúvidas que tinha em conhecimentos e certezas levando-me a crer que é possível um ensino-aprendizagem de competências a partir da interpretação de texto nos moldes que apresentei.

Daquilo que foi descrito ao longo do relatório a mensagem fundamental é: o ensino-aprendizagem na disciplina de Filosofia só é eficaz quando se alia objetivos, avaliação formativa, gosto pela prática e compreensão (consciência) da disciplina.

**Busca de Sentido(s)? Na era das competências**

## Bibliografia

Carvalho, J. (2013). «A escrita na escola: uma visão integradora» in *Interações*, 27 (s/volume definido) 186-206. Minho: Universidade do Minho. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/28371/1/A%20escrita%20na%20escola%20-%20Uma%20visão%20integradora.pdf> acessido em 17 de maio de 2017.

European Schoolnet (2014). *Teacher Guide: Assessment of Key Competences in School Education*. Brussels: European Schoolnet. Disponível em [http://keyconet.eun.org/c/document\\_library/get\\_file?uuid=2ba7847f-b335-4aa6-9d57-bad7c441aedd&groupId=11028](http://keyconet.eun.org/c/document_library/get_file?uuid=2ba7847f-b335-4aa6-9d57-bad7c441aedd&groupId=11028) acessido em 20 de maio de 2017.

Gadamer, H-G. (1991). *Verdad y Método*. Salamanca: Ediciones Sígueme.

Henriques et al (2001). Programa de Filosofia 10.º e 11.º anos. Lisboa: Ministério da Educação. Disponível em [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/filosofia\\_10\\_11.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/filosofia_10_11.pdf) acessido em 20 de setembro de 2015.

Oliveira, P. (2010). Da importância do texto filosófico no ensino secundário. Covilhã: Relatório de Estágio para obtenção do grau de Mestre, Universidade da Beira Interior. Disponível em <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/1285> acessido em 5 de junho de 2017.

Perrenoud, P. et al (2002). *As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Plátão (s/ data). *A República*. Trad. Portuguesa, 12.ª edição, 2010. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Palmer, R. (1989). *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70.

Portocarrero, M. L. (1997). Finitude e narração: o texto na perspetiva hermenêutica. *Texto Filosófico*. Coimbra: Publicação APF. Disponível em [www.lusosofia.net/textos/20120205-decimo\\_primeiro\\_econtro\\_filosofia\\_texto\\_filosofico.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/20120205-decimo_primeiro_econtro_filosofia_texto_filosofico.pdf) acessido em 12 de setembro de 2017.

OCDE (2015). *Competências para o progresso social. O poder das competências socioemocionais*. São Paulo: Fundação Santillana. Disponível em <https://read.oecd->

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências

[ilibrary.org/education/skills-for-social-progress\\_9789264249837-pt#page1](http://ilibrary.org/education/skills-for-social-progress_9789264249837-pt#page1) acessado em 18 de fevereiro de 2017.

Sacristán, J. & al (2011). *Educar por competências: O que há de novo?* Porto Alegre: Artmed Editora.

Severino, A. (2007). *Metodologia do trabalho científico*, 23.ª Ed. São Paulo: Cortez Editora. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/362873325/SEVERINO-Antonio-Joaquim-Metodologia-do-trabalho-cientifico-pdf> acessado em janeiro de 2017.

Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura: a compreensão de textos*. Lisboa: Ministério da Educação (Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular). Disponível em [http://area.dge.mec.pt/gramatica/ensino\\_leitura\\_compreensao\\_textos.pdf](http://area.dge.mec.pt/gramatica/ensino_leitura_compreensao_textos.pdf) acessado em 18 de fevereiro de 2017.

Spink, M. J. (2010). *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Disponível em <http://books.scielo.org/id/w9q43> acessado em 11 de julho de 2017.

Vicente, J. (1994). «Subsídios para uma didáctica da filosofia. A propósito de algumas iniciativas recentes para a constituição de uma didáctica específica da Filosofia» in *Revista Filosófica de Coimbra*. 6. 397-412. Coimbra. Disponível em <http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/indice...> acessado em 14 de junho de 2017.

Zabala, A. & Arnau, L. (2010). *Cómo aprender y enseñar competencias*. Barcelona: Ed. Graó.

## Anexo I - Aula assistida sobre John Stuart-Mill

Texto 1:

**Bentham (1748-1832), o fundador do utilitarismo**

Bentham foi o fundador do utilitarismo porque lhe devemos a primeira defesa sistemática desta teoria. A moralidade de uma ação depende de produzir boas consequências – a felicidade ou prazer – para o maior número possível de envolvidos. A felicidade produzida por diversas ações só difere em grau – não em qualidade – e pode ser medida por uma única escala. Mediante o chamado cálculo hedonista, defendia que podemos quantificar a felicidade resultante de uma ação. Não há prazeres superiores e inferiores em si mesmos. A atividade que dá mais prazer é a que tem mais valor.

Texto 2:

1806 - 1873



John Stuart-Mill – Filósofo inglês, foi o principal representante do empirismo inglês do século XIX. A sua principal obra de ética intitula-se *Utilitarismo* e foi publicada em 1861. Nela defende uma ética de tipo consequencialista e hedonista que considera que o critério último da moralidade de uma ação é a sua utilidade, isto é, a felicidade – o prazer ou a ausência de dor – que dela resulta para o maior número de pessoas envolvidas. Rejeitou o cálculo hedonista do seu mestre Bentham, distinguindo entre a qualidade e a quantidade dos prazeres. Não reduz a felicidade ao prazer sensorial ou físico, considerando superiores os prazeres que resultam das atividades intelectuais. A perspectiva de Mill, conhecida pelo nome de utilitarismo clássico, continua a ser amplamente debatida no século XXI.

Mill envolveu-se vigorosamente em causas políticas e sociais consideradas radicais para a época: era a favor da igualdade de direitos entre homens e mulheres, defendendo especialmente o direito das mulheres ao voto. Argumentou a favor dessas causas em vários escritos e como membro do Parlamento.

Obras principais: *Sistema de Lógica* (1843), *Utilitarismo* (1861), *Sobre a Liberdade* (1859), considerada pelo próprio a sua mais importante obra.

Texto 3:

---

«Mill tem uma perspectiva hedonista de felicidade. Segundo esta perspectiva, a felicidade consiste no prazer e na ausência de dor. O prazer pode ser mais ou menos intenso e mais ou menos duradouro. Mas a novidade de Mill está em dizer que há prazeres superiores e inferiores, o que significa que há prazeres intrinsecamente melhores do que outros. Mas o que quer isto dizer? Simplesmente que há prazeres que têm mais valor do que outros devido à sua natureza. Mill defende que os tipos de prazer que têm mais valor são os prazeres do pensamento, sentimento e imaginação; tais prazeres resultam da experiência de apreciar a beleza, a verdade, o amor, a liberdade, o conhecimento, a criação artística. Qualquer prazer destes terá mais valor e fará as pessoas mais felizes do que a maior quantidade imaginável de prazeres inferiores. Quais são os prazeres inferiores? Os prazeres ligados às necessidades físicas, como beber, comer e sexo.»

([http://criticanarede.com/eti\\_mill.html](http://criticanarede.com/eti_mill.html), 2006)

Texto 4:

«Segundo a ética utilitarista, o objeto da virtude é a multiplicação da felicidade: as ocasiões em que qualquer pessoa (exceção uma em mil) tem o poder de multiplicar a uma escala abrangente (por outras palavras, de ser um benfeitor público) são excepcionais, e apenas nessas ocasiões uma pessoa é chamada a considerar a utilidade pública; em todos os outros casos, a utilidade privada, o interesse ou felicidade de apenas algumas pessoas, é tudo aquilo a que tem de dar atenção. Apenas aqueles cujas ações têm uma influência que se estende à sociedade em geral precisam de se preocupar habitualmente com um objecto tão amplo. De facto, no caso das abstinências – das coisas que as pessoas se abstêm de fazer devido a considerações morais, ainda que num determinado caso as consequências de as fazer pudessem ser benéficas – seria indigno um agente inteligente não estar consciente de que a acção pertence a uma classe de acções que, se geralmente fossem praticadas, geralmente seriam prejudiciais, e de que este é o fundamento da obrigação de se abster de a realizar. A consideração pelo interesse público implicada por este reconhecimento não é maior do que a exigida por qualquer outro sistema moral, já que todos eles prescrevem a abstinência de tudo aquilo que seja manifestamente pernicioso para a sociedade.»

(Stuart-Mill, 2005: 60)





## Anexo II - Aula assistida sobre John Rawls

Texto 1:

John Rawls (1921-2004) – Filósofo norte-americano, foi professor da Universidade de Harvard. É considerado o filósofo político mais importante do século XX. Propõe um novo conceito de justiça baseado numa nova interpretação da ideia de contrato social. Critica a ideia utilitarista de justiça como utilidade social por unicamente se preocupar com a soma dos bens sociais – com o tamanho do bolo – sem ter em conta o modo como estes se repartem entre os indivíduos. Segundo a interpretação de Rawls, o princípio utilitarista «o maior bem-estar para o maior número» é um princípio quantitativo que pode justificar a exploração de alguns indivíduos e grupos desfavorecidos em nome do bem-estar geral, sacrificando assim a sua liberdade. A teoria de Rawls é conhecida pelo nome de liberalismo social porque não admite nem o sacrifício dos menos favorecidos em nome da eficácia económica (condenação do liberalismo selvagem e da ideia de Estado minimalista) nem o sacrifício dos mais favorecidos em nome do igualitarismo (rejeição do socialismo autoritário).



«um novo conceito de justiça»

---

---

---

«nova interpretação da ideia de contrato social»

---

---

---

---

---

---

---

Texto 2:

Parto do princípio de que as partes estão situadas ao abrigo de um **véu de ignorância**. Não sabem como as várias alternativas vão afectar a sua situação concreta e são obrigadas a avaliar os princípios apenas com base em considerações gerais. [...] Antes de mais, **ninguém conhece o seu lugar na sociedade, a sua posição de classe ou estatuto social; também não é conhecida a fortuna ou a distribuição de talentos naturais ou capacidades, a inteligência, a força, etc.** Ninguém conhece a sua **concepção do bem, os pormenores do seu projecto de vida ou sequer as suas características psicológicas especiais.** [...] Mais ainda, parto do princípio de que as partes não conhecem as circunstâncias particulares da própria sociedade. [...] É dado adquirido, no entanto, que conhecem os factos gerais da sociedade humana.

John Rawls, Uma Teoria da Justiça, 1971, trad. de Carlos Pinto Correia, p. 121. (in A Arte de Pensar).

«véu da ignorância»

---

---

---

---

Texto 3:

«Consideremos o ponto de vista de alguém na **posição original**. Não há qualquer meio que lhe permita obter vantagens especiais para si próprio. Por outro lado, também não há justificação para que consinta em sofrer desvantagens particulares. Dado que não lhe é razoável esperar obter mais do que uma parte igual à dos outros na divisão dos bens

sociais primários, e na medida em que não é racional aceitar receber uma parte menor, a melhor solução será a de reconhecer como primeiro passo um princípio da justiça que exija uma distribuição igual. [...] Assim, os intervenientes partem de um **princípio que exige iguais liberdades básicas para todos, bem como uma igualdade equitativa de oportunidades e a divisão igual dos rendimentos e da riqueza.**

Mas, mesmo defendendo firmemente a prioridade das liberdades básicas e da igualdade equitativa de oportunidades, não há razão para que este reconhecimento inicial seja definitivo. A sociedade deve ter em conta a eficiência económica e as exigências da organização e da tecnologia. Se houver desigualdades de rendimento e de riqueza, bem como diferenças de autoridade e de graus de responsabilidade, que permitam que todos estejam em melhor situação, por que não permiti-las? [...] [Deve-se] admitir estas desigualdades desde que melhorem a situação de todos, incluindo a dos menos beneficiados, conquanto sejam compatíveis com a igual liberdade e a igualdade equitativa de oportunidades. Como as partes têm como ponto de partida uma divisão igual de todos os bens sociais primários, os que beneficiam menos têm, por assim dizer, um poder de veto. Chegamos assim ao **princípio da diferença**. Tomando a situação de igualdade como base de comparação, os sujeitos que ganharem mais devem fazê-lo em termos que sejam justificáveis para os que ganharem menos.»

Rawls, J. (1971). *Uma Teoria da Justiça*. (in A Arte de Pensar)

«posição original»

---

---

---

---

---

«princípio que exige iguais liberdades básicas para todos»

---

---

---

---

Princípio que exige «uma igualdade equitativa de oportunidades»

---

---

---

---

Princípio que exige «a divisão igual dos rendimentos e da riqueza» ou «princípio da diferença»

---

---

---

---

## Anexo III - Aula assistida no Estabelecimento Prisional de Castelo Branco

Ficha de leitura – 2016 /2017

---

Texto 1:

“Desperta até o indolente para o trabalho:  
pois um sente desejo de trabalho tendo visto  
o outro rico apressado em plantar, semear e  
casa beneficiar; o vizinho inveja ao vizinho apressado  
atrás da riqueza; boa Luta para os homens esta é;  
o oleiro ao oleiro cobiça, o carpinteiro ao carpinteiro,  
o mendigo ao mendigo inveja e o aedo ao aedo.  
Ó Perses! Mete isto em teu ânimo:  
a Luta malevolente teu peito do trabalho não afaste  
para ouvir querelas na ágora e a elas dar ouvidos.  
Pois pouco há em disputas e discursos  
para quem em casa abundante sustento não tem armazenado  
na sua estação: o que a terra traz, o trigo de Deméter.  
Fartado disto, fazer disputas e controvérsias  
contra bem alheios poderias. Mas não haverá segunda vez  
para assim agires. Decidamos aqui nossa disputa  
com as retas sentenças, que, de Zeus são as melhores.”

Hesíodo, *Os trabalhos e os dias*. Trecho disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/32887575/Estudo-Os-Trabalhos-e-Os-Dias>

Texto 2:

Palavras-chave: peripécias; consequências; passagem do tempo; disciplina; antecipação; acção; momento; ocorrências; planeamento; indisciplinado.

«(...) A disciplina significa, antes de mais, um \_\_\_\_\_ prévio das actividades a fazer. Ou seja, a \_\_\_\_\_ supõe uma \_\_\_\_\_ do que se deve fazer. Face ao fluxo contínuo da

1/2

\_\_\_\_\_ e das mil e uma \_\_\_\_\_ que nele têm lugar e em que as pessoas se veem envolvidas, podemos tentar determinar e moldar o que vai acontecer através da nossa \_\_\_\_\_, ou podemos apenas limitar-nos a vogar ao sabor do tempo, a reagir ao que ocorre no \_\_\_\_\_. É claro que quem é \_\_\_\_\_ não fica desprovido de vontade, mas a falta de previsão e de planeamento transforma muitos actos de vontade em simples bravatas sem grande efeito ou \_\_\_\_\_. A disciplina é, assim, uma forma de determinar o futuro, ao passo que a falta dela é a sujeição às \_\_\_\_\_ da vida.(...) Sem disciplina, o trabalho não rende e a vida esvai-se nas solicitações do momento...»

Fidalgo, A. (2014). *Ética Mínima. Pequeno guia para tempos difíceis*. Lisboa: Gradiva. (adaptado pp. 87-88)

Texto 3:

Palavras-chave: semeia; responsável; autónomo; oportunidade; insuficiência; condição; trabalho; labuta; alimentar; sustento; cuidar; obriga; forças.

«O trabalho é a actividade humana que provém ao \_\_\_\_\_ (...) hoje o trabalho já não é feito de suor no rosto, mas a \_\_\_\_\_ do camponês que prepara os campos, que os \_\_\_\_\_, os rega, para depois colher os frutos do seu trabalho, ainda se mantém como exemplo paradigmático do sustento obtido com esforço próprio. (...) O \_\_\_\_\_ pode assim ser visto de duas perspetivas: como \_\_\_\_\_ e condenação do homem a ter de prover ao seu sustento ou como tarefa de quem é \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_ pelo sustento, do seu e daqueles que lhe estão confiados. Esta dupla visão do trabalho caracteriza a dualidade do trabalho e da \_\_\_\_\_ humana. A insuficiência humana que \_\_\_\_\_ ao trabalho é também a \_\_\_\_\_ de quem toma em suas mãos a tarefa de se \_\_\_\_\_ a si mesmo e de \_\_\_\_\_ de si. Ou seja, a condenação ao trabalho é também a dignidade e a grandeza de quem se sustenta com as próprias \_\_\_\_\_. (...) Não se vive bem fugindo ao trabalho. Pelo contrário, o trabalho é um elemento-chave do viver bem...»

Fidalgo, A. (2014). *Ética Mínima. Pequeno guia para tempos difíceis*. Lisboa: Gradiva. (adaptado pp. 75-76)

## Busca de Sentido(s)? Na era das competências